



BAIANAS DO ACARAJÉ: PATRIMÔNIO *URBANO* IMATERIAL?

Carolina Ferreira da Fonseca¹

RESUMO: A seguinte discussão pretende entender como se relacionam as espacialidades espetaculares, como o pelourinho; as políticas patrimoniais, dentre elas o decreto 3551/ 2000 e as práticas tradicionais urbanas, dentre elas o ofício das baianas do acarajé. Trata-se de uma abordagem que busca contribuições nas elaborações teóricas de Habermas, Arendt e Guattari & Rolnik acerca da cultura; nas entrevistas das baianas do acarajé, Dulcimeire [Meire] e Ernestina [Tina]; nas tensões efetuadas entre as aproximações da realidade e as formulações teóricas; e nas idéias encontradas no processo de registro do *Ofício de baiana do acarajé* como Patrimônio Imaterial. As formulações desta reflexão são interceptadas por uma breve ficção que figura outra possibilidade de enfrentamento destas realidades.

Palavras- chave- Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – baianas do acarajé – cidade – cultura.

1. INTRODUÇÃO

As articulações operadas entre cidade, patrimônio e práticas culturais tradicionais apontam para um alinhamento com a concepção hegemonicamente constituída de *cidade mercadoria* e *cidade máquina de crescimento econômico* [ARANTES, 2002]. A mercantilização espetacular das cidades aciona os mecanismo neoliberais de teor econômico e não se atém sobre as dimensões sociais que perpassam o urbano. Observa-se que numa sociedade globalizada formatada pelo domínio de mercados, apropriação da cultura pelos meios de comunicação, controle generalizado das redes de informação sobre os territórios, situa-se a cidade pensada numa acepção homogênea e fixa, cidade imagem e não campo de forças, adaptada às exigências competitivas do turismo e das ações corporativas multilaterais e transnacionais. O produto cidade é formulado pela equação cultura, máquinas urbanas de propaganda e interesses privados, segundo Arantes o viés culturalista possui um papel âncora nas novas estratégias de planificação, que culminarão na ‘cidade – empresa - cultural’ [ARANTES, 2002].

¹ A autora é bacharel em Design e bacharel em Turismo, mestranda do Programa de Pós Graduação em Urbanismo UFBA e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) sob a orientação da Prof. Dr. Paola Berenstein Jacques. caca_fonseca@hotmail.com

O urbanismo, e algumas práticas adjacentes como as intervenções patrimoniais de requalificação e revitalização urbanas inserem-se na lógica da indústria do entretenimento. A partir da prática projectual, os arquitetos – planejadores e gestores constroem e pensam o espaço urbano, enquanto mais uma oferta para este apetite voraz da sociedade de massas. As críticas acerca da museificação e espetacularização das cidades são recorrentes. Cabe agora entender como se relacionam estas espacialidades espetaculares, como o pelourinho; as políticas patrimoniais, dentre elas o decreto 3551/ 2000 e as práticas tradicionais urbanas, dentre elas o ofício das baianas do acarajé.

Este texto opera a partir de fluxos, movimento de idéias que se contaminam mutuamente, que desencadeiam uma série de questionamentos, mas não se coagulam numa formulação conclusiva. Trata-se de uma abordagem que busca contribuições nas elaborações teóricas de Habermas, Arendt e Guattari & Rolnik acerca da cultura; nas entrevistas das baianas do acarajé, Dulcimeire [Meire] e Ernestina [Tina]; nas tensões efetuadas entre as aproximações da realidade e as formulações teóricas; e nas idéias encontradas no processo de registro do *Ofício de baiana do acarajé* como Patrimônio Imaterial. Procura-se nas reflexões destes autores as convergências entre cultura, sociedade e cultura de massa e transformações das dimensões pública e política na sociedade; nas falas da baianas intenciona-se identificar outros pontos de vista acerca de cultura, patrimônio, cotidiano e cidade. As formulações desta reflexão são interceptadas por uma breve história, uma ficção que figura neste caso, outra possibilidade de enfrentamento destas realidades.

2. APROXIMAÇÕES DOS CONCEITOS DE CULTURA, POLÍTICA E ESFERA PÚBLICA

A dimensão da cultura passa por diversas distorções decorrentes da constituição da sociedade de massas e, por conseguinte da cultura de massas. Novas tónicas são incorporadas ao conceito de cultura que penetram e contaminam diversos campos da ação e do discurso contemporâneos, entre eles o urbanismo e os procedimentos patrimoniais. Cultura, consumo, lazer e entretenimento entrelaçam-se num intenso processo de sobreamento de seus contornos e especificidades e fica cada vez mais difícil pensar uma destas instâncias sem necessariamente acessar as demais.

A lógica do mercado, da escassez e da necessidade como pressupostos construídos pelo próprio sistema na perspectiva de lhe conferir permanência e estabilidade impregna a cultura. Processos específicos, à priori, dos espaços de produção de mercadorias são acionados para a produção e criação de bens culturais. Arendt [2002] afirma que a sociedade de massas, ao contrário, não precisa de cultura, mas de diversão, e os produtos oferecidos pela indústria de diversões são com efeito consumidos pela sociedade exatamente como quaisquer outros bens de consumo.

A concepção de cultura de Habermas [1984] converge também para esta articulação entre sociedade de massa, diversão e bens de consumo. Seus apontamentos sublinham ainda o aprofundamento destas conexões já que, não mais apenas a difusão e escolha, a apresentação e embalagem das obras – mas a própria criação delas enquanto tais se orienta, nos setores amplos da cultura dos consumidores, conforme pontos de vista da estratégia de vendas no mercado. O mercado dos bens culturais assume novas funções na configuração mais ampla do mercado do lazer. Ele [o mercado] adapta de algum modo o conteúdo dos bens culturais às próprias necessidades, ele também facilita psicologicamente o acesso às camadas mais amplas.

É possível encontrar alinhamentos entre estas narrativas teóricas e discurso de Meire acerca da cultura. Na sua fala, observa-se uma clara distinção entre o que é cultura e o que não é cultura, e pode-se inferir que para Meire o que não é cultura corresponde à cultura de massas para os autores em questão. Ambos atentam para o processo de esvaziamento dos conteúdos empreendido na elaboração dos bens culturais de massa .

Pra mim cultura é conhecimento. Porque eu acho assim música, as músicas daqui eu não acho que é cultura, porque não tem letra eu acho que é vazia. Eu gosto de música de Caetano Veloso, aquela Marisa Monte, entendeu? São músicas que tem cultura, mas também gosto do Grupo Revelação, da banda Calypso. Com relação ao acarajé, eu acho que é ter conhecimento do seu trabalho, saber o porque, o porque não, a origem ,como teve um guia que tava explicando uma coisa do acarajé ao pessoal que eu achava não era verdade porque ele não tava sabendo, porque antigamente quem vendia acarajé era pra cultuar santo, hoje não, tudo bem que virou comércio, mas antigamente só sentava no tabuleiro do acarajé quem era filho de santo. E ele falou diferente, deu uma explicação que não tinha nada a ver.

Guattari [2005] traz outros aportes para a discussão acerca das relações entre cultura e o esvaziamento da apreensão política da realidade. No seu entendimento, cultura é uma palavra cilada, noção- anteparo que nos impede de pensar a realidade dos processos em questão. Para ele, o conceito de cultura é profundamente reacionário. É uma maneira de separar atividades semióticas (atividades de orientação no mundo social e cósmico) em esferas, às quais os homens são remetidos. Tais atividades, assim isoladas, são padronizadas, instituídas potencial ou realmente e capitalizadas para o modo de semiotização dominante- ou seja, simplesmente cortadas de suas realidades políticas. Na sua leitura, o conceito de cultura é construído como uma dimensão segregada das demais, entre elas as econômicas, políticas e sociais, sendo, portanto anuladas as possibilidades de conexões, desvios e rupturas entre as mesmas. Trata-se de compreender a cultura numa posição estabilizada, numa estrutura que não se modifica e nem tampouco modifica as outras dimensões com que se relaciona.

O pensamento de Guattari pontua sobre o esvaziamento da apreensão política da realidade por caminhos diferentes daqueles propostos por Arendt e Habermas. O fato é que, todos eles equacionam as esferas da cultura e da política e atentam para o esfacelamento da política detonado pela constituição da sociedade de massas e pela capitalização da cultura num modo de semiotização dominante- a cultura de massa. Arendt [2002] esclarece que sociedade de massas e cultura de massas parecem ser, assim, fenômenos inter-relacionados, porém seu denominador comum não é a massa, mas a sociedade na qual também as massas foram incorporadas. Deflagra-se, portanto, outro estado de coisas, no qual a massa da população foi a tal ponto liberada do fardo de trabalho extenuante que passou a dispor também de lazer de sobra para a cultura.

A incorporação generalizada das massas à sociedade e a decomposição da esfera pública parecem indicar pistas acerca do esvaziamento do caráter político na apreensão das realidades, a realidade urbana figura uma das esferas alienadas da sociedade. A potência crítica e reflexiva efetivada pela articulação entre mundo comum, enquanto esfera pública e política enquanto ação e discurso, para Arendt, estabiliza-se, esvai-se em comportamento, governo e administração. Meire e Tina localizam estas idéias nas suas realidades ao declararem algumas situações nas quais a esfera pública, no seu entendimento, a rua, é privatizada mediante a atuação de um Estado privatizado. Esta estrutura de Estado perde de vista os interesses públicos e privilegia interesses privados coletivamente organizados. As relações entre Estado,

sociedade e as esferas pública e privada, desvirtuam-se, Habermas atribui os seguintes predicados: privatização da esfera pública e publicização da esfera privada. As passagens a seguir trazem os acontecimentos denunciados pelas entrevistadas:

Você viu a reportagem do Bocão ontem, que tiraram as baianas do mercado modelo ontem?. Porque elas trabalharam, sempre trabalhou não sei mais de quantos anos trabalhou no mercado modelo, aí você vê quando chegou a nova direção tirou elas... Cadê a associação? Cadê a prefeitura que você paga? ... Você acredita que aqui é o seguinte a gente trabalha aqui o ano todo, esse ponto aqui é fixo, mas quando chega o carnaval tem que pagar licença. Se não o rapa vem e leva. Quer ver outra coisa, esse ano quem fez o tal do São João do Pelô foi o comerciante... mas os outros anos, vinha Dinha, uma mulher já famosa, rica, e tirava as baiana que vendiam aqui no dia- a- dia pra botar Dinha no lugar. Aí tiraram as baianas, botaram lá no canto escuro da Igreja São Domingues e botaram Dinha. As baiana não pode vender bebida alcoólica, mas ela arrumou um barraqueiro que não tem mais tamanho e coloca bebida, bota tudo... [Meire]

Até as baiana de dentro do mercado modelo tirou... pra você ver uma coisa que nunca se buliu aqui na Bahia, nessa face dessa terra foi com baiana, agora até isso, baiana perdeu a característica dela, que é dona do pedaço do trabalho. Como é que entra uma pessoa e já vai tirando, se eu lhe encontrei aí sentada como é que eu quero que você levante pra eu senta, num existe isso.[Tina]

Fatos como, a concessão de privilégios no tocante ao espaço à determinado agente em detrimento de toda uma coletividade, a arbitrariedade na atuação de determinados agentes do Estado configuram esta lógica definida por Arendt de governo e administração em detrimento da efetivação de uma esfera pública. Habermas dá mais alguns passos nesta reflexão, e afirma que a experiência não-acumulativa, anda junto com o momento sociológico de uma destruição da esfera pública ou a ampliação de uma esfera pública (arranjo das massas) esvaziada de seu caráter público. A abordagem de Habermas aprofunda nas transformações operadas nas esferas pública e privada a partir das mudanças nas relações de trabalho determinadas pelo sistema capitalista em constante reajuste e pela constituição da esfera social.

ATO # 2.1 DO PENSAMENTO: *a sociedade de massa chega ao Pelourinho e eu penso: como se processam as narrativas acerca do patrimônio imaterial e das baianas do acarajé?*

Um campo de forças configura-se pelo enfrentamento das elaborações teóricas e pelas vivências de Tina e Meira na cidade. Uma breve criação fictícia será inserida neste campo de forças a fim de catalisar as tensões geradas nesta reflexão. A sociedade de massas sai pelas cidades, vai ao shopping center, ao museu, à exposição fotográfica do Pierre Verger, viaja durante suas férias para Salvador e visita o pelourinho. E eu questiono: como ela experimenta esse espaço? No seu entendimento, é um espaço cultural? Como ela se relaciona com os *praticantes ordinários* [DE CERTEAU, 1994] deste espaço? Como ela percebe as baianas, acomodadas sobre bancos bem baixos que lhes possibilitam manusear seu tabuleiro debaixo da sombra de tendas ou sombreiros?

O discurso acerca de quem são estas baianas pode ser construído por elas mesmas, a partir das suas experiências individuais, pelos técnicos do IPHAN no processo de registro das baianas de acarajé como patrimônio imaterial, inscrito no livro dos saberes do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e por uma multiplicidade de outras narrativas.

Eu tinha oito anos de idade quando eu saía com minha mãe e eu via aquelas baianas vestidas e eu dizia assim, quando eu cresce vou vende acarajé, aí minha mãe disse bata na boca e eu disse quando eu cresce eu vou vende acarajé e com meus 27 anos eu comecei a vende acarajé... já veio de berço minha filha, já tava traçado no meu destino que Oxum mais Ogum já tinha traçado pra mim..O acarajé ele veio da África, uma comida de Iansã, mas pra lhe ser bem sincera, a história aqui na Bahia começou assim, a gente tendo que pagar. Antigamente pra quem fez santo, antigamente as pessoas que fazia santo, pra paga saía com aquele tabuleiro na cabeça gritando oh o acará, olha o acará [tina entoando a voz bem aguda, como se ela cantasse, oh o acará!!] pra pagá a mãe de santo que tinha rapado o santo de lá ela....aonde eu vou meus orixá tão comigo, não precisa de eu ser raspada, de jeito maneira. Acho que no dia que eu raspa eu morro, gosto, adoro, admiro a religião, adora minha religião mais não pra eu fica enfiada dentro, tudo em excesso ele é prejudicial, tudo você tem que ter a sua dosagem certa, tem que ter o seu segredo guardado na palma da sua mão, num é pra sair dando a todo mundo não e minha cabeça ela é muito sagrada, muito muito mesmo. [Tina]

Eu sou nascida e criada no acarajé. Tanto que eu tenho segundo grau e tudo, mas num procurei emprego nada. Porque na verdade eu sou baiana, mas o meu sonho não era ser baiana, era e num era, porque eu gosto do que eu faço mas o meu sonho era ser policial. Fiz quatro concursos, passei em dois e nunca fui chamada, até hoje, porque também tem a máfia né? Aí deixa pra lá. Antigamente, pra senta num tabuleiro de acarajé, tinha que ser de santo, era... Porque antigamente as baiana era afiliada ao culto afro...e no caso liberava pra faze o candomblé entendeu, tipo assim você vai fazer uma festa pra um orixá, você tem que ir lá, então eram eles que tomavam conta das baiana, agora não, as baianas agora virou comércio, a gente paga a associação todo mês... Assim minha vó era do candomblé, mas só que minha mãe acha que o candomblé é uma religião mais pro mau que pro bem, entendeu? No meu caso, minha vó ela freqüentava o candomblé e tudo e no caso ela ia raspa o santo dela, mas com três dias minha vó sonhou que num era pra fazer esse santo, ela foi desfez de tudo, e sabe o que a mãe de santo fez? Virou a quartinha ...até a casa da minha vó caiu e minha mãe teve que come farinha com pimenta. Então é por isso que minha mãe fala, porque na verdade candomblé é uma coisa séria. Eu num sou não, mas acho bonito, se envolver ao fundo não, tem gente que fica muito ligado, naquela psicose, entendeu, e não pode! [Meire]

Nos laudos do registro do Ofício de Baiana do Acarajé é possível encontrar uma extensa descrição acerca desta prática, dos seus agentes, das suas transformações históricas, das relações entre o povo-de-santo e as baianas, da história mítica do acarajé, enquanto alimento ritual, enfim uma série de investigações que atestam seus diversos contornos.

1. As baianas instalam seus tabuleiros em lugares que lembrar os antigos cantos, pontos de escravos que comercializavam produtos no período colonial. 2. As baianas de acarajé que são filhas de santo podem ser definidas como agentes sociais que articulam campos vinculados ao sagrado e ao profano. 3. A prática tradicional está sendo ameaçada pelo surgimento recente da venda de acarajé no comércio normal, bares e supermercados, bem como pela sua “apropriação” por outros universos culturais, como na versão conhecida de acarajé de Jesus, vendida pelos adeptos da religião evangélica.

Nas falas de Tina e Meira, como nos laudos dos IPHAN é recorrente a associação entre o candomblé e as baianas e as modificações e resignificações emergidas historicamente diante de questões do cotidiano, da cidade e suas disputas,

da multiplicidade de afetos, sonhos, experiências que compõem a vida dos agentes formadores desta coletividade. Trata-se de um terreno em movimento que demanda afirmações instáveis, visto que sua gênese não permite categorizações e classificações estanques. A questão central destas divagações é: como essa sociedade de massa se relaciona com o “outro” na vivência urbana? Ela se relaciona? Ou consome também a alteridade, como mais um bem cultural disponível no mercado? Consome também a baiana pelas suas particularidades e seu exotismo folclórico?

Habermas traz apontamentos acerca das transformações decorrentes da imbricação entre cultura, lazer e consumo. De acordo com este autor, está rebentando o campo de ressonância de uma camada culta criada para usar publicamente a razão; o público fragmentado em minorias de especialistas que não pensam publicamente e uma grande massa de consumidores por meio de comunicação pública de massa. Com isso, perdeu-se, sobretudo a forma de comunicação específica de um público. Reeducação do público que pensa cultura para o público que consome cultura [1984]. Este achatamento da potência do discurso, da ação e da razão interfere nas formas pelas quais as pessoas se relacionam, e nisto se inclui a relação com a alteridade. Relacionar-se instantaneamente, num momento de lazer, assegura a troca efetiva, o acúmulo e a experiência de uma realidade distinta?

As ações empreendidas para o registro do Ofício de Baiana do acarajé, ressoam neste campo de forças, onde operam cultura de massa, cidade espetáculo, patrimônio, lazer, consumo, cotidiano, afetividade, religiosidade. Mas em que medida esta ação modifica o cotidiano das baianas, qual a sua abrangência, como elas entendem os desdobramentos desta política patrimonial? Quais relações de poderes são suscitadas neste processo?

Porque antigamente a baiana era tradição e hoje pra SESP a baiana é ambulante. Porque na verdade eu não entendo que, a baiana é um patrimônio tombado e eles perseguem, isso não entra na minha cabeça. Eles perseguem assim, antigamente não se eu tava aqui e aqui tava ruim eu podia botar ali na praça. Hoje não, se der mole eles vêm e levam tudo. E num entendo, baiana é patrimônio histórico e é perseguida como camêlo qualquer... Se transformou em patrimônio, mas no meu ver, eu não acho que foi uma coisa séria porque a partir do momento que uma coisa vira patrimônio histórico tombado a receita não tem que ser modificada,entendeu? E você vê nequinho botando, fazendo acarajé de soja, gente botando, como é que foi que a mulher falou? Salada de bacalhau no acarajé, inovando, aqui na Bahia, a mulher

disse que comeu no Sauípe acarajé com salada de bacalhau, bolinho de estudante com leite moça dentro, é churro é? Como baiana é patrimônio histórico e ninguém respeita? Então vem um cara da SESP tira onda, então eu não sou nada, entendeu? Ele me trata como um ambulante qualquer... Aí patrimônio histórico, acabaram com as baianas ali do quiosque de Amaralina. Por disse que tiraram os quiosques com o pretexto de que iam fazer um menor com menos baianas, só que depois que derrubaram disseram que a vista ficava mais bonita sem os quiosque e sem as baianas. Cadê esse tombamento? Cadê esse patrimônio histórico? A gente ganhou o que? Que força? [Meire]

Olhe minha filha isso aí é xaveco, isso aí é safadeza, vou lhe ser bem sincera, acarajé patrimônio da Bahia? Pra favorece a quem?? Num mudou nada, o que mudo é que vai indo vai indo, cada prefeito que vai entrando vai criando olho grosso e metendo dentro das baiana o ferro, entendeu? pensa que todas é igual, que todas ganha milhões e não é assim. Eu acho meu tabuleiro muito higiênico, que ele é todo fechadinho, todo limpinho, ele queria muda pra esse tabuleiro padrão todo de madeira, vidro nas laterais, aquele modelo do tabuleiro antigo, mas eu não ia mudar não, que desde quando eu fiz esse graças a Deus todo mundo fala, que tabuleiro limpinho....a mesma coisa, curso disso, curso daquilo, a baiana quando ela é boa ela trás de casa, a feitiçeira quando é boa o feitiço dela já vive na ponta das unhas, não precisa ninguém tá ensinando você como é que faz acarajé não. [Tina]

A partir das entrevistas, observou-se certa confusão a respeito do que compreende a política patrimonial direcionada aos bens de natureza imaterial. Os mecanismos de salvaguarda propostos pelo IPHAN são o reconhecimento e a inscrição dos bens selecionados para registro nos livros denominados, respectivamente, *Livro de registro dos saberes (para o registro do conhecimento e modos de fazer)*, *Livro das celebrações (para as festas, os rituais, os folguedos)*, *Livro das formas de expressão (para a inscrição de manifestações literárias, lúdicas, musicais, plásticas e cênicas)*; e *Livro dos lugares (destinado à inscrição de espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas)*. [SANT'ANA, 2003, p. 53]

Estes instrumentos diferenciam-se, portanto do tombamento, aplicado aos bens de natureza material. O desconhecimento de ambas insinua a desarticulação de uma política que pretende atuar a partir de iniciativas dos próprios agentes produtores e

criadores das manifestações tradicionais, entretanto, a partir somente desta primeira aproximação é impossível defender este ponto de vista, trata-se apenas de uma pista.

O registro em questão foi proposto ao Exm. Sr. Ministro da Cultura, em 5 de novembro de 2002, pela Associação de Baianas de Acarajé e Mingau do Estado da Bahia, conjuntamente com o Terreiro Ilé Axé Opô Afonjá e o Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia. O Ofício das Baianas do acarajé foi inscrito no livro dos saberes, como patrimônio cultural brasileiro, em 10 de dezembro de 2004. É importante pensar em conexões e não em unidades ou fatos isolados, não circunscrever o decreto 3.551 às suas próprias iniciativas, mas contextualizá-lo num sistema capitalista globalizado, onde as cidades assumem outras conceituações, cidade mercadoria, cidade espetáculo, cidade cenário.

Estas formatações e categorizações controlam as possibilidades criativas, imprevisíveis, não- programadas e amenizam a complexidade do fenômeno da alteridade? Trata-se, assim como a cidade, de uma elaboração consensual e pausterizada da diferença e do “outro”, que adquirem significações decifráveis, espetaculares e consumíveis? Talvez não. Talvez as apropriações das próprias baianas sobre este acontecimento flexibilizem esta lógica do consumo/ cultura e entretenimento. Os processos operados no micro, no dia- a- dia, no montar e desmontar o tabuleiro, nas trocas que se estabelecem entre os clientes, a baiana e os próprios turistas não se reduzem à sujeição.

O que se pode ler deste processo corresponde a um entendimento questionador da experiência não- acumulativa, e trata-se de observar este estado de coisas numa perspectiva macro. Entretanto, as pressões do sistema [macro] negociam o tempo inteiro com as práticas micro [o molecular, nas concepções de Guattari] e, destas negociações diferentes narrativas podem ser construídas. As narrativas dos estudiosos, que consideram as resignificações efetuadas sobre o conceito de cultura e suas relações com a experiência, sob este ponto de vista “consumir cultura” e “pensar cultura” engendram caminhos diferentes na própria experiência.

As narrativas das baianas que experienciam outras dimensões desta realidade, como os ajustes do corpo empreendidos durante um dia de trabalho que demanda “vestir a saia”, montar o tabuleiro, carregar alguns elementos para casa e deixar outros sobre os cuidados de algum vizinho das redondezas, ações que subvertem o viés contemplativo do trabalho, e em muitos momentos elas nem sequer se lembram da condição de patrimônio à que estão associadas.

Ah é eu tenho paixão, tenho paixão pelo o que faço, tenho paixão pelo acarajé, pelo meu trabalho, eu faço o que eu gosto.... Faço muita amizade aqui, um buzina o outro buzina um dá psiu.... [a ajudante da baiana, brinca dizendo que ela tem um namorado] a gente que trabalha na rua, a gente que é mulher minha filha, a gente arruma muito, muito marido, namorado não pode ser ciumento entendeu? Porque aqui a gente arruma muita amizade. Homem ciumento ele pega o caminho da rua, pode não... Eu já trabalhei no carnaval aqui, ta eu aqui aí começou a chover e eu levantei pra arma meu sombreiro, aí veio um gaiato de lá pra aqui e eu tava de costas, só vi aquela mão passando assim no meu queixo me alisando, não tem conversa, dei-lhe um murro e ele caiu longe, quando eu virei, quando eu virei, ele disse que isso baiana? Que isso baiana? Que é isso o que filha da puta me respeite.... aí os rapaz estavam aí falaram, oh rapaz que isso? Bulindo com a baiana e falei venha não, e tirei o pau do sombreiro e falei pra ele, venha pra você ver. [Tina]

As narrativas dos clientes fiéis que freqüentam este espaço, e ali conversam a respeito de trivialidades, contam da família, a baiana pergunta de um parente que estava doente e os assuntos vão se emendado um no outro, tamanha a intimidade construída neste espaço, o tabuleiro, o ponto da baiana. As narrativas dos turistas que perguntam curiosidades da cidade, do próprio acarajé, querem saber a diferença entre abará, acaçá, acarajé, contam de onde vêm, onde estão hospedados....

ATO # 2.2 DO PENSAMENTO - a sociedade de massa consome as baianas e eu penso: a equação cultura/ consumo/ lazer é absoluta? Como ela penetra no cotidiano das próprias baianas?

Diante desta multiplicidade de narrativas é importante relativizar a questão da experiência e não enquadrá-la também numa definição estanque, sem possibilidades de negociação. Entender a conotação acumulativa da experiência pode ser um caminho para aprofundar nas dimensões micro destas relações. Acumular, no sentido de incorporar algum acontecimento de uma realidade distinta na sua própria vivência cotidiana. Então, uma pergunta importante nesta discussão poderia ser, o que se acumula destas experiências? Atribuir à cidade e suas experimentações somente a dimensão do espetáculo, ou ignorá-la e sublinhar apenas a dimensão do cotidiano compreende uma atitude dualista que não avança nesta complexa rede de tensões.

Nas entrelinhas destes processos, algumas estruturas de subversão cunham estratégias e racionalidades dissidentes desta hegemônica (cultura/ capital/ entretenimento) e deflagram o que Guattari [2005] chama de processos de

singularização, isso se sente por um determinado calor nas relações, por determinada maneira de desejar, por uma afirmação positiva da criatividade, por uma vontade de amar, por uma vontade de simplesmente viver ou sobreviver, pela multiplicidade destas vontades... modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular... processo de reapropriação da subjetividade capitalística...

Tenho meu axézinho, meu açuquinho, rsrs minha água doce, meu negociozinho pra tempera.. é claro minha filha, já viu assim quem trabalha com dendê trabalha assim de corpo aberto? Ao léu, não se trabalha ao léu, tem que se proteger sô filha de Oxum, não sou de Oxumaré que é uma cobra, mas sou filha de Oxum e me considero uma cobra... A mulher é uma verdadeira feiticeira. Ninguém se engane não. Então a feiticeira tá aqui junto comigo oh, me ajudando a mexer, que é Dona Oxum, isso aí é mesmo, isso aí não tenha dúvida... Olhe , a rua ela tem o seu dono, quer dizer você pode não estar entendendo o que eu to falando mas na minha religião a rua tem dono... na minha religião tem...tem um escravo que pertence aquela rua, aquele local, cada pedaço tem seu nome dos seus escravos e aqui o meu pedaço tem o meu escravo aqui sim... Ele cuida do meu pedaço, que é o meu ponto, é o que ele tem que toma conta, o resto que acontece daqui pra lá ele não tem nada a ver, o acontece daqui pra cá ele não tem nada a ver ele tem a ver comigo ... que a mim ele me pertence então quem toma conta dá conta, então é o caso dele. Seu Tranca Rua. Aqui tem um pedaço de mim e um pedaço do Tranca Rua junto, e ai dele, que não tome conta certo. [Tina]

A sociedade de massa, em seu passeio no pelourinho, tira uma fotografia ao lado da baiana que vendia o acarajé. E mais adiante, caminhando pelas ladeiras do pelô embalada pelas batidas do ensaio do Olodum na praça Tereza Cristina, cruza com mais uma baiana. Esta se apresentava sem o tabuleiro, apenas transitava muito bem paramentada, com uma bela vestimenta engomada, muitos colares de contas, não precisava se sentar no costumeiro banquinho e não estava envolvida pelo cheiro do óleo de dendê. Ela mesma, a baiana, se oferece para tirar uma fotografia com a sociedade de massa no seu passeio turístico. A sociedade de massa se anima com a atratividade desta figura e tira uma bela fotografia em frente à igreja de São Francisco. Despedem-se e negociam um pequeno cachê por aquele breve momento de lazer.

Quando já iam se dirigindo para tomar um taxi, ali nas imediações da praça da sé, bem ao lado da cruz caída, a sociedade de massa encontra uma imagem montada com os apetrechos da baiana, inclusive um tabuleiro, que nada tinha pra ser experimentado. Nesta imagem só faltava o rosto, que poderia ser um rosto negro, branco, de uma mulher, de um homem, ou uma criança, de um holandês e quem sabe americano, francês, italiano, e podia ser até da baiana que vende o acarajé que em algum dia, indo embora para casa sentiu vontade de fazer uma fotografia e se transformar naquela baiana descansada e muitíssimo bem aparentada. E foi então que ela [a sociedade de massa] se posicionou por detrás da baiana- cenário, abriu um sorriso largo e tirou mais uma fotografia.

A conversão de uma mulher [na sua maioria, embora hajam homens na função do acarajé] impregnada de afetividades, desejos, histórias, conflitos em uma imagem produzida para consumo sinaliza o que Habermas [1984] anuncia como esvaziamento e reelaboração dos conteúdos da cultura no sentido de facilitar o acesso psicológico e o consumo. Ele afirma que aquela preformação específica das obras criadas é que lhes empresta a maturidade para o consumo, ou seja, a garantia de poderem ser recebidas sem pressupostos rigorosos, certamente também sem conseqüências perceptíveis: isso coloca a comercialização dos bens culturais numa proporção inversa à sua complexidade. A intimidade com a cultura exercita o espírito, enquanto que o consumo da cultura de massas não deixa rastros: ele transmite uma espécie de experiência que não acumula, mas faz regredir. Arendt [2002] alinha-se à estas colocações, e afirma que uma sociedade de consumo não pode absolutamente saber como cuidar de um mundo e das coisas que pertencem de modo exclusivo ao espaço das aparências mundanas, visto que sua atitude central ante todos os objetos, a atitude do consumo, condena à ruína tudo o que toca.

O pelourinho reservava ainda mais uma surpresa para a sociedade de massa. Ali, ao lado da baiana sem rosto, tinha mais uma baiana, esta parecia uma imensa alegoria de escola de samba, era produzida por algum tipo de material plástico. Por detrás da baiana alegoria uma bela vista da baía de todos os santos e ao seu lado o memorial das baianas, que homenageava em uma placa assinada por Imbassay este ícone nacional. Dentro do memorial, a sociedade de massa pode conhecer todos os tipos de baianas, representadas em grandes manequins de boutique vestidos de “roupa de baiana, roupa de crioula, estar de saia, mulher de saia, baiana de passeio, baiana de candomblé, baiana do bonfim, baiana da boa morte, ou beca ou

simplesmente baiana. A baiana reúne elementos visuais barrocos da europa, mulçumanos da África ocidental e da península ibérica, formando o tipo nacionalmente consagrado.” O memorial agradou muito a sociedade de massas, já que guardava grandes semelhanças ao tão familiar mundo fashion experimentado diversas vezes por ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de narrar uma ficção, todas estas baianas podem ser de fato encontradas no Pelourinho: a baiana do acarajé, a baiana para fotografias, a baiana cenário, a baiana alegoria. O processo detonador desta imagem folclorizada e legitimada justamente pelo exotismo relaciona-se com as acepções de Arendt e Habermas acerca da conversão da cultura em cultura de massas e da imbricação desta com o lazer e o divertimento como finalidades utilitárias. O mercado dos bens culturais funciona como qualquer outro mercado, ancorado no ciclo produção de necessidade – consumo- satisfação momentânea e produção de novas necessidades. Arendt [2002] expressa esta cadeia programada de acontecimentos, a indústria de entretenimentos se defronta com apetites pantagruélicos, e visto seus produtos desaparecerem com o consumo, ela precisa oferecer constantemente novas mercadorias. Nessa situação premente, os que produzem para os meios de comunicações de massa esgaravatam toda a gama da cultura passada e presente na ânsia de encontrar material aproveitável. Esse material, além do mais, não pode ser fornecido tal qual é; deve ser alterado para se tornar entretenimento, deve ser preparado para consumo fácil.

Este exercício de reflexão percorreu lugares distintos, a cidade, o Pelourinho, o memorial das baianas, os tabuleiros de Meire e Tina, o pensamento de Habermas, Arendt e Guattari/ Rolnik, os arquivos virtuais do IPHAN, no sentido de tencioná-los e revelar outros horizontes na discussão que articula cidade, cultura e patrimônio. Alguns passos foram dados no intuito de flexibilizar a lógica hegemônica, como a atenção atribuída às diversas narrativas elaboradas sobre uma mesma dimensão da realidade; como os processos de singularização empreendidos no cotidiano das baianas entrevistadas e como as considerações feitas acerca das distinções entre a escala micro e macro destes processos. O eixo privilegiado por esta análise foi o não- enquadramento, a tentativa de escape de uma leitura dualista, na medida em que se acredita em uma não passividade por parte das minorias ou

coletividades marginais, mas na constante ação de reapropriação, reelaboração e desvio da subjetividade capitalística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. e CHAGAS, M. (org.) 2003 **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A.

ARANTES, O. , VAINER, C. E MARICATO, E. 2002 **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis, RJ: Vozes.

ARENDT, Hannah, 2000. **A condição humana**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

ARENDT, Hannah, 2002. **Entre o passado e o futuro**. 5ª Edição. Coleção Debates/Política. São Paulo: Editora Perspectiva.

CERTEAU, Michel 1994 **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely, 2005. **Micropolítica - cartografias do desejo**. 7. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes.

HABERMAS, Jurgen, 1984. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

SERPA, Angelo, 2007. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Editora Contexto.